



## **Interconexões Digitais: Bem Estar Social à População Idosa<sup>1</sup>.**

**Denise Regina Stacheski<sup>2</sup>**

Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

### **Resumo**

Estudos demográficos e epidemiológicos comprovam o crescente aumento da população idosa nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, uma verdadeira revolução da longevidade que tende a permanecer por várias décadas (Papaléo Netto, 2007). No Brasil são necessárias discussões e iniciativas para o trabalho empírico em relação às carências psíquicas, culturais e sociais da população acima de 65 anos. Isto abarca a necessidade de abrir canais de comunicação, de diálogo, para ouvir e “dar voz” aos idosos, bem como a necessidade de modificar representações negativas do envelhecimento humano e, com isso, suscitar experiências positivas na (e para a) velhice. Este artigo objetiva demonstrar que as interconexões digitais, por meio de suas potencialidades dialógicas, podem favorecer um bem estar social (Miller, 2010) aos idosos, ao incluí-los nas práticas comunicacionais contemporâneas.

### **Palavras-chave**

Envelhecimento populacional, inclusão social, idosos, interconexões digitais.

Com o aumento do número de idosos no Brasil, discussões sobre a qualidade de vida da população idosa são exploradas, cada vez mais, nos meios científicos brasileiros nas mais diversas áreas do conhecimento como psicologia, antropologia, sociologia, comunicação, gerontologia entre outras, pois é preciso pensar sobre o envelhecimento humano e agir a seu favor. Este artigo tem como objetivo demonstrar que as interconexões digitais, por meio de suas potencialidades dialógicas, podem favorecer um bem estar social aos idosos, ao incluí-los nas práticas comunicacionais contemporâneas.

A expectativa de vida, segundo Papaléo Netto (2007), no Brasil, aumentou 20

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professora dos Cursos de Comunicação Social e Marketing da UTP.



anos desde 1950, atingindo, em 2007, 68,4 anos, e há uma estimativa que até 2050 exista um acréscimo de mais de dez anos. Assim, o novo perfil populacional brasileiro exige demandas diferenciadas nas políticas públicas e nos objetivos da coletividade frente ao envelhecimento, pois encontramos, em nossa sociedade, idosos (e famílias inteiras) que não conseguem lidar com os anos a mais de vida que a modernidade proporciona. Discutir maneiras de como as tecnologias de informação e comunicação podem colaborar no processo de inclusão social do idoso, de bem estar social, se torna uma obrigação social. Como afirma Miller (2010, p. 110): *“can such studies also lead to an attempt to intervene, advise and take responsibility for these new understandings? Is there a potential for research in material culture to contribute to the welfare of populations”?*

Daqui alguns poucos anos a população brasileira terá um grande percentual de sujeitos com mais de 65 anos e é necessário iniciativas para o trabalho empírico nas questões relacionadas às carências psíquicas, culturais e sociais deste segmento populacional. Isto abarca a necessidade de abrir canais de comunicação, de diálogo, para ouvir e “dar voz” aos idosos, bem como a necessidade de modificar percepções negativas (estereótipos) em relação ao processo de envelhecimento humano. E, com isso, suscitar experiências positivas na velhice.

## **1. Perfil do Idoso e a Constituição da Velhice no Brasil**

A novidade do tema da velhice, particularmente no Brasil, acompanha o próprio movimento de sua descoberta por parte da sociedade, segundo Stucchi (2007). A autora cita que, no Brasil, a visibilidade da velhice e dos velhos, na última década, pode ser constatada não só pelas estatísticas demográficas divulgadas pela mídia, pelos meios de comunicação de massa, mas, também, pela experiência cotidiana dos habitantes de nossas cidades. A velhice começa a atrair a atenção de toda a coletividade (Stucchi,2007).

A Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Brasil, em um estudo divulgado em 2007, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta uma tendência no crescimento da população idosa brasileira. Em 2006, o número de pessoas,



no país, com 60 anos de idade, ou mais, alcançou 19 milhões, correspondendo a 10,2% da população total do país e, dentre a população idosa, a faixa etária que mais cresce é aquela acima de 75 anos de idade. A projeção é que em 2020, os idosos representem 12% da população brasileira e em 2025 eles correspondam a 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos (8,1% entre 60 e 69 anos, 5,7% com 70 anos ou mais).

Em 2080, segundo o IBGE (2009), haverá uma estabilização entre o número de jovens e idosos, representando 15% e 20%, respectivamente, fato alarmante para um país em desenvolvimento, pois demonstra a revolução da longevidade que o Brasil está vivenciando em um curto período de tempo.

No Brasil, assim como nas estatísticas mundiais, há um predomínio do sexo feminino entre os idosos. Em 1990, as mulheres representavam 55% das pessoas acima de 60 anos. Atualmente, esse percentual se acentuou, pois de 1995 a 1999, a população feminina, com mais de 60 anos, cresceu 9,8% a mais do que a população masculina dessa faixa etária (Paschoal, Franco e Salles, 2007). E com o aumentar da idade, a discrepância entre os sexos se torna ainda maior, as mulheres vivem mais que os homens, no Brasil. Atrelada à feminilização do envelhecimento, o estado civil dos idosos brasileiros possui a seguinte proporção: três quartos dos homens vivem em companhia de cônjuge, enquanto dois terços das mulheres são viúvas, solteiras ou separadas. Paschoal, Franco e Salles (2007, p. 53) afirmam: “para cada homem viúvo existem 3,6 viúvas”.

Em referência ao grau de instrução dos idosos brasileiros, 63%, em 1996, tinham menos de quatro anos de estudo. O analfabetismo e o semianalfabetíssimo ainda são muito presentes entre os idosos, principalmente se considerarmos, apenas, o sexo feminino, pois até décadas atrás as mulheres tinham pouco espaço no meio acadêmico. A projeção, no entanto, é que em algumas décadas, essa estatística se modifique, porque as mulheres, há algum tempo, já estão presentes nos cursos superiores e no mercado de trabalho.

Dentro da parcela idosa brasileira, 5% são institucionalizados e vivem separados de suas famílias em asilos públicos e ou particulares, as causas para o distanciamento decorrem, na maior parte das vezes, pela dependência física e/ou psíquica dos idosos (Paschoal, Netto e Salles, 2007), o que dificulta o cuidado da família que não dispõe de



recursos próprios para assumir a proteção necessária e as demandas exigidas. Segundo Jardim (2007, p. 188) “é evidente que a família tem um papel fundamental em assegurar o bem-estar dos idosos e que o ideal seria que todos estes pudessem permanecer no convívio familiar“, porém, a autora argumenta que também é um erro considerar que a família, hoje, com todos seus problemas socioeconômicos, possa assumir sozinha o seu idoso dependente. É preciso uma forte atuação do Estado.

Se vivêssemos em uma coletividade que não supervalorizasse grupos etários mais jovens, não teríamos, talvez, tanta rejeição ao processo de envelhecer. Como afirma o escritor Victor Hugo, “quando na graça de um rosto florescem as rugas, que beleza. É impossível traduzir em palavras a aurora que existe em uma velhice feliz”.

A fuga de temas que envolvem a velhice e a morte é presente em nossa coletividade. A negação da velhice é um procedimento comum entre nós, pois vivemos em uma sociedade que admira a juventude, a força, a mocidade, constituindo, assim, um conflito geracional, pois geramos um papel hostil da sociedade para com os idosos (Papaléo Netto, 2007). Beauvoir (1990, p.12) afirma que nós trapaceamos ao excluir o envelhecimento de nossas vidas e suplica: “paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignoramos quem seremos: aquele velho, aquela velha reconheçamo-nos neles”.

### 1.1 Idosos e Interconexões Digitais

Em relação às mídias digitais, segundo Tozetto (2010), as estatísticas mostram o crescimento do consumo da mídia digital entre os idosos:

Internet e celular no Brasil não são mais coisas de jovens. O número de pessoas com mais de 50 anos conectadas à internet, apesar de pequeno, é o que mais cresce no Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada nesta quarta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Nesta faixa etária o número de internautas cresceu 40,4% entre 2008 e 2009. Apesar disso, dentro da faixa etária, os conectados ainda representam apenas 15,2% do total.

Percebemos que os idosos ainda representam um número pequeno na população de internautas, no entanto a tendência é que os sujeitos com mais de 60 anos procurem



cada vez mais o espaço da rede virtual para conhecimento, diversão e novas sociabilidades (Panda Security, 2011). Mesmo com algumas dificuldades para a habilidade na comunicação mediada por computadores, os idosos são a parcela da população que mais cresce como usuária das redes sociais virtuais. De acordo com uma pesquisa realizada em dezembro de 2010, pela Panda Security, The Cloud Security Company, para a campanha de conscientização *Internet em mãos seguras*: “90% dos usuários da internet acima dos 60 anos são homens e gastam mais de cinco horas por semana online. 98% destes usuários utilizam a rede para checar os e-mails, 67% ficam a procura de informações sobre atividades de lazer, 64% leem notícias e 58% usam serviços de bancos online“. Para o levantamento quantitativo da pesquisa foram entrevistados 16.850 usuários acima de 60 anos. Outros resultados interessantes a partir desta pesquisa:

66% dos idosos afirmam ter conhecimento médio da internet, enquanto 74% se sentem seguros durante a navegação. 22% usam recursos de treinamento online para aumentarem seus conhecimentos tecnológicos. Além disso, 54% dos usuários acima de 60 fazem compras online. A compra preferida são pacotes de viagens (62%), softwares (56%), música, filmes e etc (46%). Comida é o item menos comprado, totalizando somente 10% dos casos. (...) Quanto às ameaças mais perigosas na Web, a resposta mais comum foi: infecção por vírus (92%), seguido por roubo de credenciais de e-mail e dados bancários (83%). Spam também é uma preocupação para eles (57%), assim como segurança das transações bancárias (50%). Curiosamente, 30% dos idosos estão preocupados com o contato com estranhos e 11% têm medo de cyberbullying (Panda Security, 2011).

As estatísticas estão postas, são números que mostram o envolvimento dos idosos no mundo digital, com várias vertentes de estudos que possibilitam fomentar novas formas de sociabilidade, de diálogo, de inclusão social do idoso em nossa coletividade.

## **2. O Potencial Dialógico e o Espaço da Rede Virtual**

Vivenciamos um momento de convergência midiática (Jenkins, 2007), isto é - uma tendência de adaptação dos meios de comunicação à internet, e outras mídias móveis, e seus novos paradigmas de interação social, constituídos pela cibercultura,



definida por Lemos (2010, p. 1) como um território virtual recombinate onde se encontram “diversos elementos em jogo na cultura contemporânea”, como “a liberação do pólo da emissão”, o “princípio de conexão em rede” e a “reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recombinaatórias”.

A cibercultura impulsionou a sociabilidade pós-moderna (Lemos e Levy, 2010, p. 21) e transformou “hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social”. Lemos e Levy (2010, p. 15) afirmam que “o caráter de fundo da cibercultura pode emergir de três tendências em ressonância mútua: a interconexão, a criação de comunidade e a inteligência coletiva”. Tendências que interagem entre si para fomentar uma cultura participativa entre os sujeitos sociais.

A cultura participativa se caracteriza pelo comportamento atual dos sujeitos em relação aos processos comunicacionais midiáticos, cada vez mais longe de se caracterizarem como receptores passivos – e, sim, alternando sua posição hora como emissor, hora como receptor, favorecendo uma retroalimentação constante de informações. Segundo Lemos e Levy (2010, p. 15), “os seres humanos exploram todas as possibilidades para criar relações, comunicar, fabricar comunidade: o ciberespaço representa a esse respeito o *Nec plus ultra* tecnológico”. Sujeitos interagindo em um sistema elaborado para ser dominado coletivamente.

Questões e conceitos sobre a inteligência coletiva, outra tendência citada por Lemos e Levy (2010), já discutidos por Levy (1999) em décadas passadas, referem-se a novas formas de consumo de informações em um processo conjunto. Sujeitos, em rede, em grupos, se socializando, obtendo e trocando informações de conteúdos obtidos na internet para a aprendizagem, para a criação ou para qualquer outro fim de interação. Levy (1999) cita que o espaço da rede permite que objetos tramitem entres grupos, memórias compartilhadas e hipertextos comunitários para a constituição dos coletivos inteligentes.

As mudanças sociológicas advindas com a comunicação mediada por computador, portanto, faz com que Jenkins (2007) afirme que a ideia da convergência midiática não se configura apenas pelo determinismo tecnológico, mas, principalmente, por uma mudança cultural.



Nas interconexões digitais há uma ruptura com os parâmetros que definem a comunicação linear, a possibilidade do diálogo se torna cada vez mais possível e atraente, como afirma D´Assumpção (2010, p.4) quando coloca as possibilidades que um cidadão comum, agora, tem para se comunicar com o Estado:

A internet facilita a participação, pois não é necessário deslocar-se até um local físico de discussão, sendo possível manifestar-se sem a necessidade da co-presença ou presença física;  
Não há intermediários entre o cidadão e o poder instituído, ou seja, o cidadão fala por si e diretamente ao Estado;  
O cidadão tem a possibilidade de se desprender de uma condição de mero consumidor das informações oferecidas pelo o Estado e passar a fazer parte das discussões acerca das “coisas” do Estado.

As interconexões digitais favorecem, assim, a formação de uma arena conversacional, uma interação social entre os sujeitos que pode acontecer por meio da troca de e-mails, chats, grupos eletrônicos e listas de discussão (Maia, 2002). E, neste ponto, argumentamos que as interconexões digitais podem criar canais para a inclusão social do idoso, por meio de novas formas de sociabilidade.

A interação social na internet, mais especificamente nos programas de bate-papo, nos fóruns da internet, nas redes sociais virtuais, tem como conteúdo, na maioria das vezes, as relações sociais cotidianas da interação face a face, e a partir delas é que surgem outras formas de sociabilidade, com semelhanças, e extensões, muitas vezes, ao processo das relações externas ao virtual, mas com elementos intrínsecos ao espaço da rede (Lévy, 1999), uma hibridização dialógica, processos contínuos de transformação em nossas práticas comunicacionais. Não tão radicais, e factuais, mas mudanças adaptativas e graduais de interações sociais alternativas (Felinto, 2007).

### **3. Interconexões Digitais e o Bem Estar Social dos Idosos**

As práticas de interconexões digitais possibilitadas no espaço da rede virtual podem alterar, positivamente, a rotina dos idosos em busca de uma melhor qualidade de vida. Combatem aspectos existentes na velhice (e, também em outras fases da vida), muitas vezes, como a solidão, a depressão e o isolamento social.



Não podemos descartar, no entanto, questões da exclusão digital, da dificuldade de expandir a rede a todos os grupos sociais, mas devemos incentivar e valorizar todas as iniciativas de inclusão digital na coletividade, e, também, aos idosos. Como escreve Goulart (2007, p. 68): “é certo que existem muitas pessoas sem acesso a computadores e à *Internet*, mas não podemos ficar restritos a essa constatação. Na verdade, a exclusão que existe não é somente digital, mas é social, de conhecimento, informação e cidadania”.

A internet está sendo considerada, por um grupo de idosos usuários, como mais um canal de lazer, um meio de ampliar relacionamentos, de manter o contato com familiares e amigos distantes, um meio para interação, para falar e ser ouvido, para aumentar a autoestima, estar e sentir-se ativo (Instituto de Geriatria e Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010).

Shapira, Barak, Gal (2007, p. 478) realizaram um estudo com um grupo de idosos israelenses e concluíram que o aprendizado do uso de computadores e da Internet na velhice traz uma melhoria na qualidade de vida dos idosos. Segundo os autores, durante o treinamento de vários programas da comunicação mediada de computadores, realizado a idosos, houve uma redução significativa do isolamento social:

*(...) after developing a training program for the elderly in the use of computers and the Internet, reported that participants demonstrated a significant reduction in social isolation several months following the program, compared to a no-treatment comparison group, which did not change in this respect.*

A comunicação mediada por computadores, segundo o estudo citado, auxilia positivamente em aspectos como depressão, solidão, autocontrole, indicando, assim, que o uso da internet contribui para o bem-estar e para a sensação de capacitação nas interações interpessoais, além de auxiliar no funcionamento cognitivo. Shapira, Barak, Gal (2007, p. 1) afirmam:

*The Internet has become an accepted, routine means of communication for many people, including older people. In addition, the Internet has created new opportunities for people in distress when traditional resources are unreachable or unattainable or require special effort. These opportunities include online therapy and counseling, online support groups and health-related information. Several unique characteristics of computers and the*



*Internet can enhance the quality of life of older people.*

O espaço da rede virtual possibilita terapias online e informações sobre saúde aos idosos, como é o caso de sítios e redes de amigos exclusivos para a terceira idade. No Brasil, um dos maiores portais desse segmento é o [www.maisde50.com.br](http://www.maisde50.com.br). O email também é outra possibilidade de comunicação bastante interessante para os idosos, pois possibilita comunicar-se com parentes distantes numa frequência alta. Outras ferramentas, como o *skype*, por exemplo, também facilita a comunicação com entes queridos.

O contato dos idosos com a internet e suas ferramentas multiplicam as oportunidades para que possam se integrar à sociedade, pois se apropriam dos códigos, dos meios, da linguagem da sociedade atual. A população idosa pode se beneficiar pela potencialização dialógica da internet, estimulando suas atividades mentais (Kachar, 2002) e para obter informações e serviços que são solicitados e apreendidos sem a exigência de locomoção física ou de um alto custo financeiro. Goldman (2002) salienta que as relações virtuais podem se transformar em relações reais - que beneficiam o idoso em seu aspecto psicossocial e ampliam seu grupo conversacional. Como a descrição de um casal de idosos que se conheceram na rede de relacionamentos do portal “maisde50” (2011):

Ana tem 62 anos, divorciada há 13, mãe de duas filhas. Saint (ele prefere ser identificado pelo apelido) tem 63 anos, viúvo há 23, pai de três filhos. Em comum, dois perfis na seção Encontros do site Maisde50. O resultado: um relacionamento que já dura um ano, com previsão de casamento em breve.

A iniciativa partiu de Ana. Ela diz que, embora tivesse o perfil na seção Encontros, não estava à procura de alguém. Apenas se divertia. Quando encontrou o perfil de Saint e viu que, além de as idades serem compatíveis, ele ainda morava em Campinas, cidade próxima à sua, decidiu enviar um e-mail. Ela lembra o dia: 16 de fevereiro de 2005. Ele respondeu, mas, por acasos da vida, Ana não continuou a troca de correspondências. Saint não desistiu. Em 8 de março, dia internacional da mulher, enviou um e-mail de felicitação e foi assim que começaram a se corresponder. Depois de algum tempo, as conversas deixaram de ser virtuais e evoluíram para o telefone.

Em 24 de março, Saint fez a viagem de pouco mais de uma hora até São José dos Campos para conhecer Ana. "A viagem foi curta, ele voltou no dia seguinte pois era aniversário do filho dele. Mas, nesse momento, já descobrimos muitas afinidades", conta. E, realmente, não são poucas. Ambos são de Sagitário e da área contábil. Mas, como não podia ser diferente, existem diferenças também. Ana é extrovertida e Saint é mais retraído.



Personalidades a parte, foi durante um final de semana em Atibaia, um mês depois que se viram, que os dois aprofundaram o relacionamento, e estão juntos desde então.

Idosos se reconstituindo a partir de relacionamentos virtuais, sendo gestores de suas vidas, com autonomia e liberdade.

O espaço da rede virtual onde há interação e trocas coletivas podem constituir novas visões a respeito do idoso e por consequência do processo de envelhecer, pois a sociedade atual tem medo de envelhecer. Os velhos, em sua maioria, ainda são julgados, e se constituem, por meio de estereótipos negativos em nossa coletividade – como pesos sociais, ranzinzas e/ou infantilizados culturalmente. O envelhecimento bem sucedido, representação positiva do processo de envelhecer, já vem sendo trabalhado desde os anos de 1990 (Debert, 1999) – mas, há ainda um grande caminho para que a experiência da velhice seja melhor constituída em nossa coletividade. Com a inclusão digital – temos mais uma alternativa a seguir. Segundo Goulart (2007):

A criatividade e o gosto pela vida persistem em idosos que, mesmo experimentando degenerações orgânicas, vivem em contextos que os motivem, prosseguindo capazes de aprender e reaprender novas aprendizagens, estimulando que tenham perspectivas para o futuro. Isso neutraliza estereótipos e preconceitos associados à velhice, que acabam sendo um fator de exclusão social e hoje, principalmente, digital.

Apostar na capacidade dos idosos de aprendizagem, de participação, de cidadania ativa, como afirma Lima (2007, p. 142) “é direito do idoso, como cidadão, ter amplamente facilitado o seu acesso às novas tecnologias de informação”. A educação continuada aos idosos – inclusive a aprendizagem ao manuseio das mídias digitais – possibilitam maior cidadania, maior liberdade, pois faz com que a população idosa se situe e se reconstitua a partir dos contextos atuais de sociabilidade. Goulart (2007, p. 77) argumenta que através da aprendizagem digital, o idoso torna-se “capaz de compreender o seu papel social e o significado desta aprendizagem, para usá-la no seu dia-a-dia, de forma a atender as exigências da própria sociedade, promovendo sua inclusão”.

#### **4. Considerações Finais**



As interconexões digitais, quando apropriadas pelos idosos, intensificam novas sociabilidades para essa parcela populacional. A interação pode motivar para o diálogo, para a troca de informações, para vivências e experiências, fatos fundamentais para a auto-realização e para uma visão, e experiência, positiva do envelhecer. Além da potencialização das redes conversacionais, as interconexões digitais favorecem a uma constante atividade mental, também importante para os idosos, como argumenta Kashar (2010), sobre o espaço da rede virtual:

(...) um meio importante para manter as atividades intelectuais em constante exercício, na medida em que o indivíduo se atualiza com os novos conhecimentos relativos às várias questões do seu interesse. Na navegação na rede, por meio da leitura e seleção das informações, na escrita de e-mails entre outras atividades, o indivíduo tem a oportunidade de estimular a memória, recomendável na prevenção de perdas cognitivas e na manutenção de uma mente saudável. Além de que, dominar as ferramentas da Internet propicia uma desenvoltura maior ao lidar com outros equipamentos eletrônicos e digitais como máquinas de banco e celulares. Promove a reconquista da confiança na sua capacidade para aprender coisas novas e a renovação do seu horizonte.

Abranson, Stone e Bollinger (2001) pesquisaram sobre a internet nos asilos, em Oklahoma (EUA) e argumentam os aspectos positivos que essas práticas comunicacionais virtuais possibilitam como a “visitação” a vários locais de interesse dos institucionalizados, a comunicação com as pessoas que amam, além de universidades e outros centros segmentados disponíveis na rede:

*Arguably, the senior citizens most in need of educational activities are those confined to nursing homes. As anyone who has experience with nursing homes can attest, the quality of life in many such centers can be improved--and Internet access is one way to accomplish this. One can readily envision situations in which seniors gather around their personal computers, "visiting" countries and places that at one time were only dreams, communicating with their children and other loved ones via electronic mail, as well as with universities and other senior centers, and taking Internet-based courses.*

Lazer, busca de informações e conhecimentos, relacionamentos. Um canal de interação social com outros universos, rompendo fronteiras de tempo e espaço, estendendo as possibilidades e minimizando limitações. Na interação por meio do



correio eletrônico, por exemplo, a pessoa idosa faz contato mais frequente com parentes que moram distantes. O custo é menor que a ligação telefônica e pode ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite, permitindo a conexão com sobrinhos, netos e bisnetos, em uma comunicação que aproxima as gerações, pois as coloca no mesmo canal de diálogo. Tecnologias desenhadas para suprir funções particulares, como afirma Miller (2010, p. 113): *“the internet is best seen not as technology but as platform which enables people to create Technologies, and these in turn are designed for particular functions. So what people weave from the fibres of de internet are the traps they use to catch particular kinds of passing surfers”*. Apropriar-se do espaço virtual da rede para solucionar “problemas” particulares.

A internet gera um lugar para aprendizagens, relações com o mundo e possíveis amizades. Possibilita, também, vitalizar o mundo dos que, segundo os estereótipos negativos, deveriam paralisar suas ideias no tempo. Suprem anseios por informações e conhecimentos (Kachar, 2011).

Idosos vivendo de forma mais presente, incluso nas práticas comunicacionais do nosso cotidiano, compreendendo a linguagem e as transformações da atualidade.

### Referências Bibliográficas

ABRAMSON, C.I; STONE, S; BOLLINBER, N. **Internet access for residents: its time has come, 2001. Disponível em:** [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m3830/is\\_4\\_50/ai\\_75180184](http://findarticles.com/p/articles/mi_m3830/is_4_50/ai_75180184). Acesso em mar/2011.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo**. Campinas: Papirus, 2001.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CALDAS, C. P. C. Teorias sociológicas do envelhecimento. In PAPALEO NETTO, Matheus. **Tratado de gerontologia**. 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.



D´ASSUMPCÃO, G. V. B. **Novas tecnologias aplicadas à participação democrática – o caso do EducaSampa**. Revista Especialização em Comunicação Social, UFMG. Edição 02. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/revista/numero2/giselle.html>. Acesso em nov./2010.

FELINTO, Erick. “Sem mapas para esses territórios”: a cibercultura como campo de conhecimento. In: FREIRA FILHO, J. HERSCHMANN, M (orgs.) **Novos rumos da cultura da mídia**. Rio de Janeiro: Maua, 2007.

GOLDMAN, S. N. **Internet e envelhecimento: um estudo exploratório de salas de bate-papo, 2002**. Disponível: [www.sbgg.org.br/profissional/artigos/internet.htm](http://www.sbgg.org.br/profissional/artigos/internet.htm). Acesso em fev./2011.

GOULART, D. **Inclusão digital na terceira idade: a virtualidade como objeto de reencantamento da aprendizagem**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1043](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1043). Acesso em mar/2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Política do idoso no Brasil**. Disponível em: [http://www1.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/politica\\_do\\_idoso\\_no\\_brasil.htm](http://www1.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/idoso/politica_do_idoso_no_brasil.htm). Acesso em Ago/2009.

INSTITUTO DE GERATRIA E GERONTOLOGIA DA PUCRS. Disponível em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/pucrs/Capa/UnidadesUniversitarias/UNIInstitutos/igg>. Acesso em mar/ 2011.

JARDIM, Sueli E. G. **Aspectos socioeconômicos do envelhecimento**. In PAPALEO NETO, Matheus. Tratado de Gerontologia. 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2007.

KACHAR, V. **Terceira idade e informática**. São Paulo: Cortez, 2003.

KACHAR, V. **Internet. Um território sem fronteiras para a terceira idade**. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/pforum/evve3.htm>. Acesso em fev/2011.

KACHAR, V. **A terceira idade e a inclusão digital**. Revista O mundo da saúde, São Paulo, v.



26, n. 3, 2002.

LIMA, M. P. (2007) **O idoso aprendiz**. Divulgação eletrônica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/pforum/evve1.htm>. Acesso em mar/2011.

LEMOS, A. Cibercultura como território recombinate. In: TRIVINHO, E., CAZELOTO, E. (orgs.). **A cibercultura e seu espelho**. São Paulo: ABCIBER/ Itaú Cultural, 2010. Disponível em: [abciber.org/publicacoes/livro1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/](http://abciber.org/publicacoes/livro1/textos/cibercultura-como-territorio-recombinante1/)

LEMOS, A. ; LEVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Editora Paulus, 2011.

LEVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MAIA, R. C. M. Redes Cívicas e Internet: Do ambiente informativo denso às condições da deliberação pública. In EISENBERG, JOSÉ; CEPIK, Marco. (orgs.) **Internet e Política: Teoria e Prática da Democracia Eletrônica**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MAISDE50.com. **Amor Virtual**. Disponível em: [http://www.maisde50.com.br/editoria\\_conteudo2.asp?conteudo\\_id=6316](http://www.maisde50.com.br/editoria_conteudo2.asp?conteudo_id=6316). Acesso em fev/2011.

MILLER, D. Media: imaterial culture and applied anthropology. In: **Stuff**. Cambridge: Polity, 2010.

NETTO, Matheus Papaléo. **Tratado de Gerontologia**. 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.

PANDA SECURITY. **Internet em mãos seguras**. Disponível em: <http://protectyourfamily.pandasecurity.com/pt/>. Acesso em mar./2011.

PASCHOAL, S.; FRANCO, R; SALLES, R. Epidemiologia do Envelhecimento. In PAPALEO NETTO, Matheus. **Tratado de gerontologia**. 2ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Editora Atheneu, 2007.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. Presidência da República Federativa do Brasil. **Pessoa Idosa**. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencial/sedh/Id\\_idoso/Idosos](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencial/sedh/Id_idoso/Idosos). Acesso em set./



2009.

**TOZETTO, C. Uso de internet e celular aumenta entre os mais velhos. Pnad mostra que o uso de tecnologia por pessoas de mais de 50 anos é o que mais cresce no país. Celular substitui telefone fixo, 2010.** Disponível em: [www.ig.com.br](http://www.ig.com.br). Acesso em mar/2011.

**SHAPIRA, N.; BARAK, A; GAL, I. Promoting older adults' well-being through Internet training and use, 2007.** Disponível em: <http://construct.haifa.ac.il/~azy/S333-OlderAdultsInternetShapira.pdf>. Acesso em mar/2011.

**STUCCHI, D. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria IN: LINS DE BARROS, M. S. Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro; Fundação Getúlio Vargas, 2007.